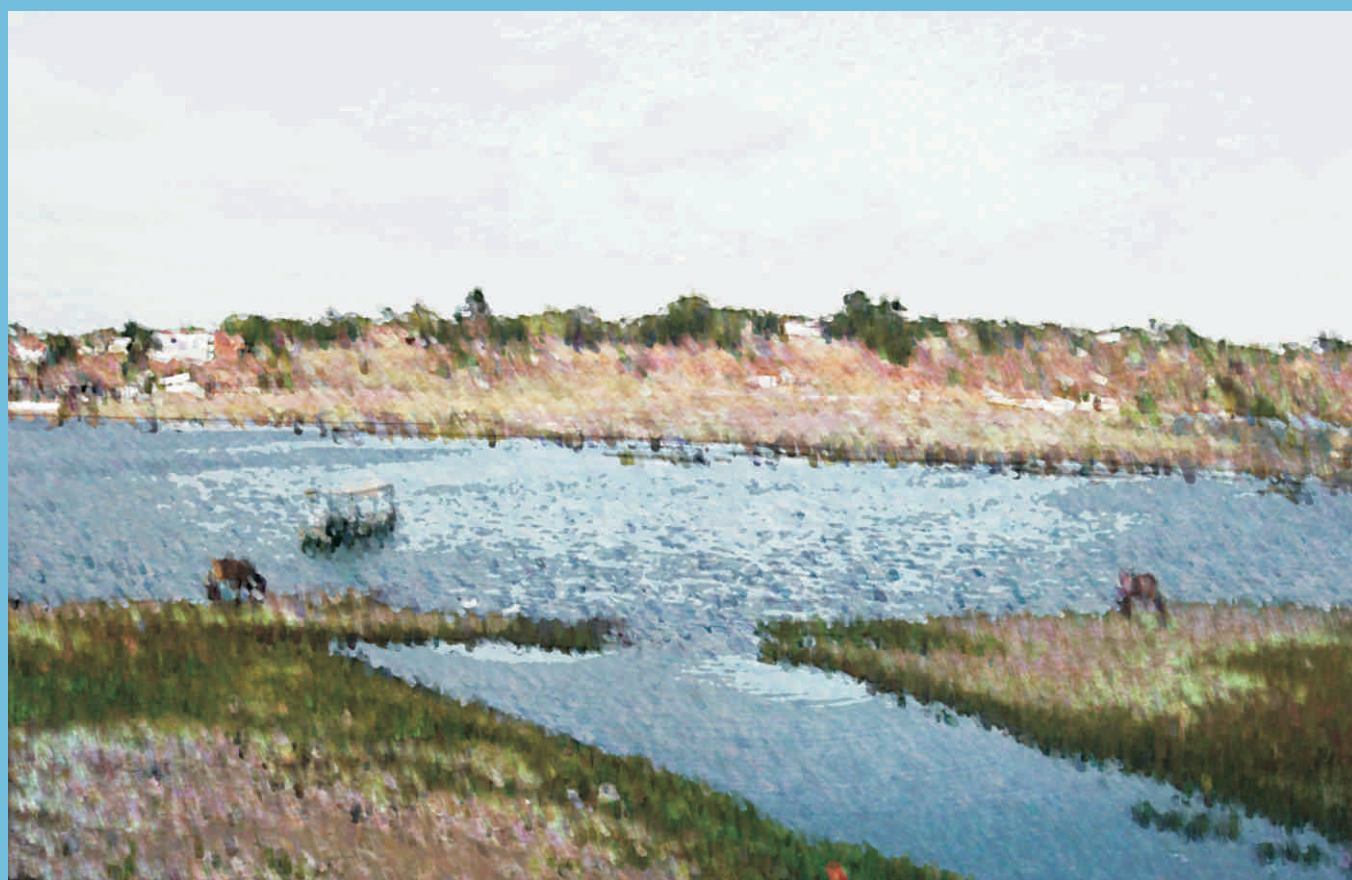


Transcrição do Vídeo

Transposição das águas do São Francisco para o Ceará



cursoS da privatização

2007

A Frente Cearense Por Uma Nova Cultura da Água e Contra a Transposição das Águas do Rio São Francisco deseja que este trabalho possa servir para o esclarecimento do nosso povo, bem como para a ampliação de sua consciência crítica – verdadeira razão de ser de uma educação ambiental transformadora.



Frente Cearense Por Uma Nova Cultura da Água e Contra a Transposição das Águas do Rio São Francisco

apresenta

transposição do rio São Francisco e águas no Ceará **OS CURSOS DA PRIVATIZAÇÃO**

parte II - os sentidos do rio

Zilda Torquato (MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- O rio era a nossa vida. Toda a nossa sobrevivência. Da pesca, da vazante... De você ter facilidade de lavar roupa...

Rosa Mendes (agricultora - Km 69/Limoeiro do Norte)

- Plantava feijão, milho, gergelim... Até gergelim nós plantava! Jerimum, né? Dava tudo, pra gente tirar.

José Diógenes (agricultor - comunidade Castanhão/Alto Santo)

- O rio toda vida foi uma coisa de grande serventia pra todo pobre aqui. Nós tinha nossas vazantes, tinha tudo, a riqueza. Escapava nosso gado, plantava feijão, batata... [Em] todo pedaço do rio, tinha!

Francisco Saldanha (STR – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- Lá se tirava milho, tirava feijão, tirava arroz, tirava jerimum, melancia, feijão... tudo, tudo o que plantasse dentro, né?

Cerzina Silva (artesã - Itaíçaba)

- O rio representa, assim, uma fonte de vida – uma fonte de vida, assim, muito importante pra nossa população.

(agricultor - Icó)

- Esse, o rio Salgado, ele é, qualquer chuvinha nas cabeceira dele lá em cima, ele já desce com uma cheia.

Rosenildo Gomes (agricultor - Itaíçaba)

- Rapaz, pra mim, o rio é como assim, um meio de sobrevivência.

Inês Saldanha (agricultora – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- E era bom demais! No dia que nós dizia: “hoje vamo pro rio” – menina, era uma alegria!

Francisco Saldanha (STR – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- Lá? Lá? Vixe, comade, lá era uma riqueza!

parte III - os des-vai-rios fruticultura irrigada e agrotóxicos

Rosa Mendes (agricultora - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Só ficou nós! Só é nós mermo, aqui!

Rosângelo Marcelino (Cáritas - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Essa é uma adutora, que foi construída para beneficiar as 57 famílias da comunidade de Km 69, e que hoje está desativa, porque aconteceu o processo de expropriação — e as famílias não estão mais vivendo aqui, nessa comunidade, a não ser uma ou duas famílias que permanecem ainda sob a pressão dessas grandes empresas que estão cultivando a fruticultura irrigada.

Rosa Mendes (agricultora - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Tudo é da Del Monte. Só não é da Del Monte isso aqui.

Rodrigo Lima (Cáritas - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Com a extinção da comunidade, com a expropriação fundiária que aconteceu, a escola acabou sendo fechada — e hoje em dia funciona de um centro de lanche para os funcionários das empresas que trabalham aqui nessa região.

Rosa Mendes (agricultora - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Agora é uma poeira medonha, né? Porque esses carro... Hoje tá até calmo, mas... Que aqui é o dia todim e a noite! A noite, eu acho que eles passa a noite acho que trabaiano aí e acolá dentro, porque é uma zoada medonha de carro, de trator e tudo.

Augusto Silva (agricultor - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Fio meu tem 9 em Limoeiro. 'Tão tudo arrependido porque foram embora daqui. Se não tivesse ido, tava tudo melhor.

Terezinha Bezerra (liderança - Baixa Grande/Limoeiro do Norte)
- A gente 'tá vivendo, agora faço, um caso muito... doloroso, né?

Rosa Mendes (agricultora - Km 69/Limoeiro do Norte)
- Até a água que a gente ia beber, tinha gosto de enxoxo...

Terezinha Bezerra (liderança - Baixa Grande/Limoeiro do Norte)
- A comunidade sofreu muito, quando foi colocado o enxofre, porque o vento, ele 'tava doido, no dia que eles colocaram o enxofre, então se abrangiu o mutirão todinho, ficou todo o enxofre, uma massa verde que eles colocaram, que era o enxofre, então se abrangiu o mutirão, e ficou todo... espalhou no mutirão todinho.

José Santana (CPT - Icó)

- Hoje o nosso município tem uma incidência, a maior incidência do câncer do Ceará. A maior incidência, aqui, no município de Icó, de câncer! Isso tudo tem várias conseqüências. Conseqüência da água, conseqüência dos produtos químicos, conseqüência dos agrotóxicos... Tudo, vários fatores que contribuem pra isso. Então é alarmante, é alarmente a questão dessa incidência!

- Reginaldo Ferreira (Proneira – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

De 1006 casos, conseguiu-se articular todos os argumentos: perna quebrada, não-sei-o-quê, braço — menos intoxicação por agrotóxico! Mas aí quando especifica a questão de Limoeiro, no Vale do Jaguaribe, no parecer do estado existe uma tarja preta. Ou seja, a população não tem acesso a essas informações.

castanhão e canal da integração

-Zilda Torquato (MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- Não temos água, não temos renda pra sobrevivência. Tive que sair daqui da comunidade pra meu filho poder estudar...

Francisco Saldanha (STR – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- Por conta desse gadim que eu trouxe pra aqui, nós tirava água de dentro de casa, das torneira, pra dar. Quando era no fim do mês, cadê o dinheiro p'a pagar aquele absurdo d'água que nós tinha gastado? Passa o Canal da Integração ali, como a senhora viu, chei' d'água ali, e eu ia lá, tirava essa água — e aí os guarda 'tava lá todo dia, me implicando! Tinha um tal dum coronel, vei' ainda umas três vezes ali, com a polícia, pra me levar preso — num me levou num sei porquê... Me empurravam, chamava de véi teimoso, que eu tirava água de dentro do Canal, né? E eu disse que eles me botasse num local que eu num precisasse de tirar água de dentro do Canal, que eu num tirava, né?

Zilda Torquato (MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- Nós morávamos ao lado do rio, e hoje estamos a distância, a metros do Castanhão — e não temos acesso! Se formos pegar um balde d'água, alguma coisa, somos expulsados pela polícia.

José Diógenes (agricultor - comunidade Castanhão/Alto Santo)

- Nós já vem com o sofrimento dessa barragem há muitos anos! Há muitos anos, que rebolou nós pra fora, sem pagar nós, e nós fiquemo na situação mais ruim do mundo!

Francisco Saldanha (STR – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- A única coisa que tem aqui que 'tá sendo beneficiada à custa do Castanhão é a piscicultura de uns gaioleiro que 'tão pescando aí. Mas, a senhora me perguntando aí, mas nada beneficiou ninguém.

José Diógenes (agricultor - comunidade Castanhão/Alto Santo)

- Fizeram umas três reunião aqui, trouxeram o Eudoro Santana na marra aqui. Eudoro Santana vei' e assinou esse papel aqui, assinado por ele. Prometendo fazer casa pra nós, nós saímo pr'ele abrir as comporta, pra quando a barragem coisar, começar a fazer as casa, ali nos alto — que nós tem chão ali, né, que dá pra fazer... Mas ele vei' essa vez aqui, essa promessa aqui — e mais nunca!

Francisco Zueli (agricultor – Assentamento Boa Esperança – com. Desterro/Jaguaretama)
- Dificuldade da água aqui, só carro-pipa botando... Até pra gente bater roupa, é preciso a gente ir até Poço do Barro, lavar roupa lá, ou então lá embaixo, na barragem...

Zilda Torquato (MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- Ano passado, há uns 8 meses atrás, Eudoro Santana prometeu que de novembro a dezembro essa adutora já 'tava instalada. Do ano passado! E, já 'tamos com um ano, e a até agora nem promessa de adutora!...

José Diógenes (agricultor - comunidade Castanhão/Alto Santo)

- Andou um senhor aqui e disse: “seu Zé, quando o meu gado 'tá morrendo de sede, eu boto ali uns tambor pra tirar água, eles cortam as minha mangueira, eles correm atrás de me prender, todo dia...” E eu disse: rapaz, em que país é que nós 'tamo, que pra tirar água pro consumo de um bicho — que deus deixou todo bicho pra beber água —, ser ameaçado da polícia?! Que a pior tristeza que tem é o cabra ser ameaçado pela polícia!

Francisco Saldanha (STR – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- Pra senhora ver, uma vez eu vi uma cena aqui... No dia em que eles vieram inaugurar um pedaço desse Canal aqui, eles botaram um pobre dum velhinho ali p'a limpar um chão quente do jeito que 'tava aqui. Quando acabar, eles levaram lá prum campo de aguação de feijão que tinha ali, dum cab'a particular, e fizeram uma montagem pra dizer que era no Mandacaru que já 'tavam fazendo aquilo. A gente vê coisa que chega, né, que fica assim: dá uma dor — como é que eles inventam uma coisa dessa!

carcinicultura (criação de camarão em viveiro)

Joaquim Firmino (liderança – Lagoa Vermelha/Jaguaruana)

.- ... foi porque a nossa água aqui 'tava sendo uma água muito feia, água muito verde, mode os criador de camarão.

Francisco Marcos (vendedor de – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- A água 'tá muito ruim, verde, esses tanque de camarão jogando essas água pra dentro do rio. A água 'tá muito ruim — 'tá prestando, não.

Alecsandra Silva (agricultora – Córrego do Machado/Jaguaruana)

- Um dia ouvi uma denúncia que encontraram peixe morto aqui, e muita gente realmente viram!

Juraci Rodrigues (comitê sub-bacia Baixo Jaguaribe – Itaíçaba)

- Aqui já aconteceu de vários ser, com a continuação do veneno, e tal, eles se prejudica, morre... Depois pra família arranjar uma aposentadoria é um sacrifício maior do mundo, porque a burocracia é muito grande, no nosso país...

Lúcia Araújo (profa. Cefet - Planejamento Frente Cearense 2007/Fortaleza)

- Os trabalhadores, eles trabalham assim: eles são expostos ao metabissulfito de uma forma criminosa.

Cerzina Silva (artesã - Itaíçaba)

- Causou impacto pra nós assim, porque tanta terra produtiva que a gente tinha, né, e aí se tornarem esse viveiro de camarão — que muitos hoje ‘tão desativado!...

Juraci Rodrigues (comitê sub-bacia Baixo Jaguaribe – Itaíçaba)

- Os carcinicultores, eles vêm, investem aqui, mas quase tudo são injustiça social — principalmente os salários!...

Cerzina Silva (artesã - Itaíçaba)

- Essa derrubada de carnaubais, né, isso com certeza afeta diretamente as mulheres. Porque é dessa matéria-prima extraída das carnaubeiras que muitas famílias sobrevivem aqui, no nosso município.

acesso à água

Antônio José (assentado MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Eu ‘tou com essa preocupação porque ninguém sabe quando é que essa água vai ser liberada. Porque no Canal já tem água — que é o Chapadão de Russas, que chamam. Só que só é até a metade do Canal. Pra cá, nós não ‘tamo tendo acesso à água.

Maria José (trabalhadora rural – Afogados/Jaguaruana)

- ... ‘tá doente, a água! Quem bebe, sente dor de barriga, sente tudo no mundo!

Suerle Lima (assentado MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- ... porque devido o grande teor de sal que ela tem, dificulta. Os animais adoecem, dá diarreia no gado...

Francisco Marcos (vendedor de água – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- Ninguém gosta da água da Cagece, porque ela tem muito cloro.

Luciene Lima (assentada MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Até pra tomar um banho, a água daqui é salgada. Cozinhar o comer, tem dia que a gente nem cozinha, tem que espera o carro vir com a água.

Suerle Lima (assentado MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Aí aqui tem dias que aqui a água é cheia de cará morto, tilápia morto, boiando nessa água aí... Num serve pra fazer uma vazante, num serve pra nada!

Francileuda Amélia (agricultora – Lagoa Vermelha/Jaguaruana)

- Eu pago R\$ 2,00 d’água. Todos os mês, nós paga R\$ 2,00.

Joaquim Firmino (liderança – Lagoa Vermelha/Jaguaruana)

- ... só que aqui dá água salgada. Inclusive, a daqui é tirada do Afogados. Dos Afogado, sai muito cara pra gente. A comunidade é pobre. Se for pagar R\$ 10,00, ou R\$ 12,00, R\$ 20,00 por mês, tem muitos deles aqui que não têm condição de pagar nem o almoço.

Francisco Marcos (vendedor de água – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

Eu saio daqui, venho aqui nos Afogado, vendo na Jaguaruana.

Maria José (trabalhadora rural – Afogados/Jaguaruana)

- Nós num tem água encanada de jeito nenhum! Eu mesma sou doente das minha perna, olha aqui, ó, sou doente do meu joelho. Eu nem me sento, nem drobo... eu mesma venho buscar. Trago dois balde, de 20 litro, e venho buscar aqui — de bicicleta!

Francisco Marcos (vendedor de água – assentamento Mandacaru/Jaguaribara)

- A R\$ 0,70, a lata. Água boa, né, todo mundo quer... comprar.

Joaquim Firmino (liderança – Lagoa Vermelha/Jaguaruana)

- Muitos, com certeza, não têm com o que pagar...

Antônio José (assentado MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Canal desse, que poderia beneficiar a gente, que necessita, não: é pra beneficiar as pessoas que nem sequer na terra não moram.

Suerle Lima (assentado MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Um metro d'água, pra gente aqui é um preço lá em cima! A energia, meu deus do céu! Agora, o grande, é água grátis, é energia grátis — tudo de graça!

João Paulo (MST – Assentamento Bernardino Marinho II/Russas)

- Aqui nesse projeto na Chapada do Apodi, nós sabemos todas as multinacionais: que tem a Del Monte, que tem a Vaneska... São tudo multinacionais grande, e elas usam da água e não pagam sequer um tostão por ela!

parte IV - ceará: qual a situação das bacias "demandantes" das águas do São Francisco?

Nininha Maciel (CPT – nascente da Pedra da Batateira/Cariri)

- Esta é a Pedra da Batateira. A lenda da Pedra da Batateira é de que com muita água, o Pe. Cícero amarrou aqui uma pedra grande. E quando essa pedra saísse do local deixada pelo Pe. Cícero, tudo, todo o Cariri seria inundado! Só se salva quem está nos pés da estátua do Pe. Cícero.

bacia do rio salgado

Alex Josberto (Cártias – Crato)

- Essa situação aqui no Crato, da água como propriedade privada, choca-se com a própria Constituição Federal. É uma tradição, numa cultura aqui dessas pessoas que cercaram essa fonte, de que a água, até desvencilhada da terra, é uma propriedade particular. Há registros em cartório da água desvencilhada da terra! Então o cara não é dono de um pedaço de terra, mas tem uma hora da vazão da fonte da Batateira.

Nininha Maciel (CPT – nascente da Pedra da Batateira/Cariri)

- O problema não é a falta de água. O problema é [que] essa água, essa fonte, ela é de particular! Ela 'tá cercada! Ela tem um dono! E é essa a realidade da região do Cariri: a água, como a terra, tem dono!

Alex Josberto (Cártias – Crato)

- No caso, a empresa que fornece água pra cidade — que é uma empresa ligada à municipalidade — teve que comprar o direito de usar a água! Comprou água, pra poder servir pra população. E isso é público e notório.

Juvenal Januário (Rede RIS – Cariri)

- Nós temos açudes, como temos o açude do Marinho, um exemplo, um açude do governo. Um açude público. E quantas pessoas têm terra abaixo da regência do açude e não são utilizadas, a água não é utilizada!... Muitas vezes tem água jogada, aí, extruída...

Alex Josberto (Cáritas – Crato)

- Estamos no açude Atalho, logo na tomada d'água, onde é liberada uma vazão regularizada que vai alimentar o Riacho dos Porcos. Essa vazão, nessa época, atende cerca de 40 km de irrigação aqui, no Riacho dos Porcos.

Nininha Maciel (CPT – açude Atalho/Cariri)

- O açude Atalho foi construído há 11 anos pra abastecer a cidade de Brejo Santo. Em 11 anos, não foi construída nenhuma adutora pra cidade de Brejo Santo. E a característica disso é que a dona Neusa, que mora aqui vizinho, ela pega água com jumento — e outros exemplos que a gente vê ao longo do caminho, no percurso que a gente faz até aqui.

Alex Josberto (Cáritas – Crato)

- Esse é o Riacho dos Porcos, é um dos principais afluentes do rio Salgado, será um dos principais rios por onde passará a transposição do rio São Francisco.

José Santana (CPT – Icó)

- O rio Salgado aqui, em todas as cidades que passa, onde ele passa, 'tá totalmente poluído. Poluído com entulhos sendo jogados dentro, com esgotos sendo jogado dentro... As matas ciliares, não existe mais quase matas ciliares que protegem o rio...

Alex Josberto (Cáritas – Crato)

- Todo ano tem que se desobstruir trechos do Riacho dos Porcos — e há trechos onde a água não passa, porque tem barramentos, ‘tá assoreado, ‘tá obstruída a passagem da água.

Alex Josberto (Cáritas – Crato)

- Essa é a continuação do rio Granjeiro, o rio da integração cratense. Esse rio foi transformado num verdadeiro esgoto! Hoje se chama canal, não mais rio Granjeiro. Um rio que antes era caudaloso, perene, tinha praias de rio... As pessoas se banhavam no rio Granjeiro — e hoje foi transformado num verdadeiro canal!

Nininha Maciel (CPT – canal Granjeiro/Cariri)

- Esse é o final do canal do Granjeiro. Então, é pra essa água podre, pra esse canal, pra esse rio destruído que viria uma água também do São Francisco, já contaminada.

encontro do rio salgado com o rio jaguaribe

bacia do rio jaguaribe

José Santana (CPT – Icó)

- Onde a água vai passar, né, nos rios, ‘tá aí, hoje, ‘tão todas poluída...

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- O que ‘tá acontecendo hoje, no Baixo Jaguaribe, é uma ampliação exponencial da vulnerabilidade ambiental da região, do nosso território. E o que [é] que significa efetivamente essa vulnerabilidade? Pro futuro, ela pode demarcar a nossa capacidade de produzir um desenvolvimento autônomo, sustentável... Ela pode inviabilizar tudo isso!

José Santana (CPT – Icó)

- Uma outra experiência que a gente ‘tá vendo agora aí é o Castanhão — o tal do Canal da Integração, que ‘tá sendo feito pra grandes grupos econômicos do estado, que passa por dentro das pequenas propriedades, e os pequenos não têm acesso.

Lúcia Araújo (profa. Cefet - Planejamento Frente Cearense 2007/Fortaleza)

- ... que hoje apesar da gente associar muito o Castanhão com o rio Jaguaribe, o principal tributário, hoje, do Castanhão é o rio Salgado. Essa matéria orgânica que é jogada no rio Salgado, ela vai se decompondo, vai depurando, mas os minerais ficam!

Rosenildo Gomes (agricultor - Itaiçaba)

- O rio Palhano, ele era uma água corrente. Ele não tinha essa represália aí. Ele passava na ponte, ia direto, se encontrava com o rio Jaguaribe lá na frente. Aí foi feito o Canal, houve uma represália. Aí desde esse tempo pra cá que foi criando, ficou uma água parada.

■ Lúcia Araújo (profa. Cefet - Planejamento Frente Cearense 2007/Fortaleza)

- “Apesar do rio já apresentar uma qualidade da água incompatível com os padrões estabelecidos para a Classe 2, no ponto zero (quer dizer, no Castanhão), o problema se intensifica e se torna mais nítido no trecho de maior atividade agrícola e da carcinicultura.”

Rosângelo Marcelino (Cáritas – fruticultura Del Monte – Chapada do Apodi/Limoeiro do Norte)

- Aqui a gente ‘tá mostrando uma área da fazenda Del Monte, que é uma multinacional produtora de fruticultura. E aí essa Del Monte, ela utiliza a água do rio Jaguaribe, que é uma possível bacia receptora das águas do São Francisco...

Terezinha Bezerra (liderança - Baixa Grande/Limoeiro do Norte)

- Aí tem dia que água chega tem um mal cheiro! Tem dia que a gente consome a água, mas a gente sente aquele mal cheiro na água!...

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Eu diria que por mais modernas que sejam as empresas que se estabeleceram sobre a Chapada do Apodi, o modelo do sistema agrícola é um modelo fundamentalmente baseado na quimificação.

Rosângelo Marcelino (Cáritas – fruticultura Del Monte – Chapada do Apodi/Limoeiro do Norte)

- Hoje, no estado do Ceará, o governo estabeleceu, através de decreto, desde 2003, a cobrança de água. E aí essa grande empresa, ela não está efetuando pagamento.

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Todo mundo sabe que hoje o abastecimento dos projetos das grandes empresas sobre a Chapada se dá ainda com o uso dos recursos subterrâneos, né, do grande aquífero que nós temos ali, o aquífero Jandaíra. Então essa água ‘tá saindo de lá. Tem poços de mais de 1.000 metros de profundidade — a Del Monte tem, por exemplo —, a captação dessa água pra usar exatamente nas lavouras.

Cerzina Silva (artesã - Itaiçaba)

- Eu tiro pelo nosso rio Jaguaribe, aí, minha gente: um monte de água dessa!... Tem muita água no rio, né? Mas nós ainda temos comunidades vizinhas precisando de uma cisterna de placa, pra poder ter água próximo de casa. Quer dizer, uma adutora que passa bem aí, e a gente tem uma comunidade na beira do asfalto passando sede também, porque precisa de um inverno pra poder abastecer a cisterna! Porque até o carro-pipa chegar lá é difícil!... Falta água pra uma comunidade aqui, há poucos quilômetros da sede da cidade, e a gente com o rio Jaguaribe aí cheio d’água, né?...

Lúcia Araújo (profa. CEFET - Planejamento Frente Cearense 2007/Fortaleza)

- Ó, das 32 fazendas que a gente visitou, só 6 com licença de operação — e vencidas! O restante, ó, não tinha nenhuma condição de funcionar!

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- O que eu acho é que nós estamos diante de um ocaso do desenvolvimento. O desenvolvimento que 'tá sendo apresentado, esse modelo que 'tá sendo apresentado como o grande modelo de desenvolvimento, ele não se efetivará! Você não vai ter desenvolvimento sustentável, você não tem desenvolvimento econômico e social. De fato!

parte V - transposição do rio São Francisco

Ciro Gomes (Ministério Integração Nacional (2005) – 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- O projeto de interligação de bacias não tem nada a ver com a situação de degradação ampla, geral e irrestrita do rio! Ao contrário, na minha percepção, a chance que o rio tem de entrar num programa honesto, consistente, bem formulado tecnicamente, com orçamentos relevantes à revitalização, depende da centralidade que o assunto São Francisco tenha na agenda do país.

Juvenal Januário (Rede RIS – Cariri)

- Sempre ouvi falar na transposição do São Francisco — e eu 'tou achando parecido com uma lenda também, assim como é a lenda da Batateira...

Ciro Gomes (Ministério Integração Nacional (2005) – 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- O meu ponto de vista é entregar a água desse projeto, que eu estou responsável, onerosa! Na crença, que os experts sabem que é verdade, de que se eu entrego essa água onerosa, eu faço a mais grave, a mais conseqüente pressão para que o desperdício e o uso racional da água seja uma prática.

Soraya Vanini (Instituto Terramar – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Essa cobrança pela água, ela tem um sentido simbólico de dar força ao mercado. Ela não é um instrumento da produção de eficiência daqueles que consomem água! A carnicultura não paga mais pela água do que a agricultura familiar, do que outros setores — no entanto é perdulária!

Ciro Gomes (Ministério Integração Nacional (2005) – 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- Eu hoje conheço o rio inteiro: 'tá ferrado, o rio!

Vanda Claudino (profa. UFC – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- O rio, ele deságua no mar — e ele tem que desaguar! Ele 'tá cumprindo uma série de funções naturais, quando ele faz esse processo. Não é desperdício de água! É transposição de riqueza do continente para a região oceânica. Então, não é perda nem é desperdício, ao contrário: é garantia de biodiversidade!

Ciro Gomes (Ministério Integração Nacional (2005) – 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- 98% dos argumentos ecológicos corretos são baseados no dismantelo que o rio São Francisco vem sofrendo desde Pedro Álvares Cabral.

Soraya Vanini (Instituto Terramar – 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- Espero que a gente não tenha o rio como o rio da desintegração e o ministro também como da desintegração. Pela maneira como trata o debate da maior envergadura nacional, como é a Amazônia. É preciso ter ponderação, respeito! Todo mundo deve fazer esse debate com a maior seriedade possível.

transposição do rio São Francisco a quem interessa?

Complexo Industrial do Porto do Pecém e Siderúrgica Ceará Steel

Otaviano Oliveira (pescador – Pecém)

- ... podia pescar livremente. Hoje, não. Hoje nem entrar no Porto a gente pode, porque eles proíbe a gente de entrar... tudo é cheio de câmera, ali. Se encosta ali, eles pega a jangada, leva pra lá... às vezes não deixa ali, a Capitania vem e prende...

Raquel Rigotto (profa. UFC – Porto do Pecém)

- A Siderúrgica Ceará Steel é um investimento de 3 grupos: um italiano, um sul-coreano e um brasileiro. Ela vai ocupar uma área de quase 300 hectares no Complexo Industrial e Portuário do Pecém e vai produzir 1 milhão e meio de placas de aço por ano, destinadas à exportação, o que vai elevar a exportação local em 41%.

Magnólia Said (Esplar – Porto do Pecém)

- A Siderúrgica não acontece de forma isolada. Ela faz parte de um projeto de integração regional, que é um projeto desintegrador porque ele vai desintegrar toda uma vocação que existe no interior das regiões — e no interior de cada estado que vai ser atingido por esse tipo de modelo.

Otaviano Oliveira (pescador – Pecém)

- Modificou porque trouxe muita prostituição, né, cheio de jovens se prostituindo aí... Quando o navio chega aí, é muito gringo aí... O que trouxe pra cá, pra dentro da cidade, foi isso aí: prostituição.

Raquel Rigotto (profa. UFC – Porto do Pecém)

- A expectativa é de que ela atraia em torno de si um pólo mecânico, uma fábrica de cal, uma fábrica de gases industriais, uma fábrica de refratários — e pra isso, só ela vai consumir um volume de água correspondente à água que atende a um município de 90 mil habitantes. Esse volume está em torno de 4 milhões de metros cúbicos por ano de água bruta, que devem ser fornecidos aqui pela COGERH — e que a idéia é que ele venha do rio São Francisco, através da transposição, caindo no açude Castanhão, e depois pelo Canal da Integração, que também já está sendo construído pelo governo no valor de mais de 800 milhões de reais, que ela chegue aqui, até o Porto do Pecém.

Otaviano Oliveira (pescador – Pecém)

- Sobre o Porto aí, disse que ia trazer muito emprego pros pessoal do Pecém. Se você chegar ali no Porto, acho que tem uns 20 ou 10 do Pecém, o resto é só de fora. É de São Paulo, Rio, Bahia...

Raquel Rigotto (profa. UFC – Porto do Pecém)

- E é importante a gente que a energia que essa empresa vai consumir corresponde a 15% do que Ceará e Pernambuco consomem juntos, em termos de energia elétrica. E que o governo estadual está se orgulhando de ter conseguido oferecer essa infra-estrutura que tem atraído as empresas.

Magnólia Said (Esplar – Porto do Pecém)

- A questão é que esse conjunto de obras, ela vai impactar de forma diferenciada sobre vários aspectos do meio ambiente e sobre vários aspectos da população que vai ser impactada por essas obras.

Raquel Rigotto (profa. UFC – Porto do Pecém)

- E não podemos nos esquecer que os poluentes que uma indústria siderúrgica dessa gera vão contaminar não só a água mas também o ar, com metais pesados como chumbo, cádmio, mercúrio, cobre, arsênico — e vão contaminar também com solventes e com hexaclorobenzeno, que são substâncias que muito nos preocupam hoje do ponto de vista da saúde dos ecossistemas e da população.

agronegócio: fruticultura irrigada e carcinicultura

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Do ponto de vista do agronegócio, a transposição é o que estava faltando pra consolidar o Baixo Jaguaribe como a terra do agronegócio.

Soraya Vanini (Instituto Terramar – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Hoje, na bacia do Jaguaribe, a bacia demandante pelas águas da transposição do São Francisco, a carcinicultura é a 2ª maior demandante de água, tendo se instalado no ano 2000.

Jeovah Meireles (prof. UFC – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- O litoral cearense tem aproximadamente... exatamente 245 fazendas de camarão, onde mais de 98% dessas fazendas não realizam processo de tratamento, exigidos por lei, na água que utilizem.

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Sem a transposição, há uma limitação de ordem técnica — natural, também, porque é água — lá em cima da Chapada.

Rosângelo Marcelino (Cáritas – fruticultura Del Monte – Chapada do Apodi/Limoeiro do Norte)

- A transposição vai favorecer justamente isso. Hoje, aqui, por exemplo, nessa água, são 35 poços perfurados e retirado água do subsolo para desenvolver essa fruticultura irrigada — com o foco voltado para o grande mercado.

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Porque esse riozinho — do jeito que 'tá aí, mesmo com o Castanhão, ele sozinho — não teria como atender aquilo que é o desejo de muito tempo, de ter sobre a Chapada do Apodi 75.000 hectares explorada com irrigação. E pra ter 75.000 hectares explorada com irrigação, o aquífero não vai dar conta... pode não dar — e se der, a um custo talvez muito mais elevado do que já tem hoje, porque hoje já 'tá se buscando água a mais de 1.000 metros de profundidade... Buscar água a mais de 1.000 de profundidade não é barato. E só dá para grandes empresas — não dá pra empresa nem média pensar nisso, como uma forma de exploração e de expansão agrícola.

Betânia Regino (Fórum Social Nordeste – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Cem dos municípios com o menor índice de desenvolvimento do Nordeste, e dessa região, não estão nem cogitados em passar, em ser beneficiados por essa transposição.

João Alfredo (Deputado Federal – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- É olhar por onde a água vai entrar, e efetivamente por onde ela vai passar, e perceber que extensa área do nosso estado — principalmente os sertões, sertão central, dos Inhamuns, de Crateús, estão fora, diretamente, de qualquer benefício dessa água.

José Santana (CPT – Icó)

- O que a gente sabe é que transposição do São Francisco ‘tá sendo visto hoje como o maior hidronegócio do Século XXI!

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- A transposição aparece, sim, como a chave do processo: com ela tudo se fecha, tudo se consolida. É o que estava faltando no quebra-cabeça bolado pelo Estado e pela iniciativa privada de transformar o Baixo Jaguaribe num contínuo territorial do Vale do Açu.

parte VI - da resistência

Pajé Barbosa - Pitaguary (palestra de Ciro Gomes na 57ª Reunião Anual SPBC/Fortaleza)

- O Lula não é dono do rio São Francisco, coisa nenhuma! Ele é um trabalhador meu — e foi eu que botei ele lá!

Magnólia Said (Esplar – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Nós queremos apresentar à sociedade cearense e à sociedade brasileira os nossos posicionamentos com relação à transposição. Para isso nós elaboramos um manifesto que se chama “Por Uma Nova Cultura da Água e Contra a Transposição das Águas do Rio São Francisco”.

Regina Feitosa (Fórum Semi-Árido – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Esse dia, ele tem que ser o marco de uma série de desdobramento com essa mobilização da criação dessa Frente!

Rosângelo Marcelino (Cáritas – fruticultura Del Monte – Chapada do Apodi/Limoeiro do Norte)

- Devemos ser contra qualquer projeto que venha intensificar a concentração de renda!

Hidelbrando Santos (prof. FAFIDAM – Limoeiro do Norte)

- Aí se você me pergunta: tinha outro caminho? Sempre tem outro caminho! Sempre tem outras alternativas!

José Santana (CPT – Icó)

- A gente pensa o semi-árido, pensa um projeto para o semi-árido, de convivência com o semi-árido a partir das experiências que temos — que temos muitas experiências boas.

Soraya Vanini (Instituto Terramar – Seminário lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- E é isso que a gente quer recuperar: a água não só como um debate técnico, político, mas como um debate cultural. Um debate que levanta esse tema a partir da compreensão de que a água é sobretudo um sustentáculo pra vida.

Cerzina Silva (artesã - Itaiçaba)

- Agora tem que ter muita luta pra alcançar realmente quem de fato merece — e de direito.

Ato da Via Campesina contra o agronegócio na
Chapada do Apodi/07-março-2007
Limoeiro do Norte

vozes] - Mulheres na luta contra o agronegócio!

[integrante da Via Campesina] - A nossa mobilização aqui, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, que as mulheres da Via Campesina decidiram que hoje ia ser o dia feriado para os trabalhadores que trabalham nessas empresas aqui na Chapada do Apodi!

[integrante do MST - cantando] - “Essa luta é nossa/esta luta é do povo/é só lutando que constrói um Brasil novo.”

Ato 8 de Março que mobilizou
cerca de 2000 pessoas na Barra do Ceará
Fortaleza

Rosa Martins (articulação de mulheres para o 8 de Março)

- ... os trabalhadores fizeram ontem um grande movimento na Chapada do Apodi! E impediram os ônibus, que levavam os trabalhadores para a escravidão, fossem trabalhar. O ato foi pacífico, mas esse movimento, Via Campesina, junto com nós, mulheres, na luta por justiça e por direitos!

Zilda Torquato (MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- Então, estamos aqui pra nos organizar, pra gritar!

[integrante do MST - gritando] Águas para a vida!
[público presente] - Não para a morte!

Maria Amélia (Missão Tremembé – Lançamento Frente Cearense 2005/Fortaleza)

- Será que pra nós não é uma lição? As coisas grandes não nascem feitas: elas são pequeninas...

Dênis Torquato (filho de Zilda Torquato - MAB – comunidade Desterro/Jaguaretama)

- Águas para a vida!

Gravado em dezembro de 2006

realização

Frente Cearense Por Uma Nova Cultura da Água e Contra a Transposição das Águas
do Rio São Francisco

apoio

CERIS / CESE

entidades da Frente Cearense que participaram da produção do vídeo

CÁRITAS DIOCESANA DO CRATO

CÁRITAS DIOCESANA DE LIMOEIRO DO NORTE

CPT/CE

ESPLAR

INSTITUTO TERRAMAR

MISSÃO TREMEMBÉ

MST/CE

equipe de produção

alex e nininha maciel (região cariri)

diana (jaguaribara)

francisco flávio e magnólia said (porto pecém)

gigi castro (região jaguaribe)

maria de jesus e senhorinha (região iguatu/icó)

maria amélia (fortaleza)

rosângelo marcelino e rodrigo lima (limoeiro do norte)

equipe técnica

roteiro/direção

gigi castro

câmera/fotografia

lília moema

edição

iolanda cândido

elaboração encarte

magnólia said

programação gráfica

soraya vanini

trilha original

“são francisco, o rio” – tema da Frente Cearense

canção de

gigi castro/ângela linhares/magnólia said/soraya vanini

executada por

zé rodrigues – pífano

rodrigo oliveira – percussão

ninno amorim – efeitos

oscar arruda – guitarras

gigi castro – violão, voz, vocal

erasmo lousada – baixo elétrico

ângela linhares – voz, vocal

imagens cedidas do VI ENCONASA
TV Viva – Nilton Pereira e Edinho Moraes
agradecimentos
Viviane (Asa Brasil)

imagens complementares feitas pela Frente Cearense
Lançamento da Frente Cearense 2005
57ª Reunião Anual da SBPC 2005
Planejamento Frente Cearense 2007
Ato da Via Campesina 2007
Ato 8 de Março 2007

fotografias do semi-árido
Acervo ESPLAR
(nossos agradecimentos)

fotografias do Velho Chico
“povo, luta e vida”
Acervo CPT
imagens de
A.Tomaz e J.Zinclar
(nossos agradecimentos)

elaboração do mapa
Ricardo Wagner
(nossos agradecimentos)

finalizado em março/2007

contatos da Frente Cearense
esplar@esplar.org.br
terramar@terramar.org.br

edição/finalização
CultMovie
cultmovie@cultmovie.com.br